

## **QUE BEBÊ ALIENADO!**

**Jacques Laberge<sup>1</sup>**

Uma identificação alienante, super-egóica, pode assumir singular radicalidade quando um bebê nasce após a morte de um irmão ou de uma irmã.

Ao nascer, ela recebe o nome de Marguerite. Era o nome da primogênita morta queimada viva aos cinco anos de idade, frente à mãe horrorizada e impotente. Sete anos após a morte da irmã e um ano após o nascimento de um bebê morto, - duas mortes reais - nasce Marguerite. A mãe, Jeanne, perde também um animal de sua propriedade e, paranoicamente, acusa uma vizinha desta morte. A paranóia da filha, Marguerite, eclode aos 29 anos de idade, na primeira gravidez. O filho nasce morto. Mais uma morte real. Posteriormente, a paranóia vai fixar-se no delírio seguinte: o segundo filho, sobrevivente, Didier, seria ameaçado de morte por alguma pessoa má. Pareceria uma fantasia de morte da parte de uma mãe sobre um filho. É propriamente “algo não elaborado internamente que volta de fora” conforme a frase de Freud ([1911] 1973:308) sobre a paranóia de Schreber, algo não simbolizado se manifestando no real, diria Lacan. Mortes reais e uma morte impossível de ser fantasiada, aparecendo no real do delírio. A pessoa má, perseguidora do filho, Didier, só pode ser tal atriz, posteriormente atacada e ferida com faca por Marguerite. Condenada e internada, ela seria curada pela autopunição, diz Jacques Lacan, psiquiatra dela. Não é bem assim, escreve Jean Allouch, a tese da autopunição revela então a influência sobre Lacan de Spinoza (1632-1677) destacando a essência de um indivíduo diferente da essência de um outro. Marguerite é curada pela entrada em crise paranoica da mãe dela. A paranóia é doença a três, sublinha Allouch (1990:390-391): há uma tia materna doida pelo meio e há, também, para Schreber, o pai e o irmão. Acompanhar Marguerite leva Lacan a trabalhar Freud, a entrar em análise, e a assistir às aulas de Kojève sobre Hegel. Estas aulas

---

<sup>1</sup> Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: jacqueslaberge1@gmail.com.

destacam, entre outros temas, o tema da alienação do desejo, do desejo do Outro, do reconhecimento do desejo. Anos mais tarde, Lacan afirma:

“Para reencontrar o efeito da palavra de Freud [...] recorreremos aos princípios que a governam [...] Impossível à nossa técnica desconhecer os momentos estruturais da fenomenologia hegeliana: em primeiro lugar a dialética do Senhor e do Escravo, ou aquela da Bela Alma e da lei do coração” (Lacan, 1966:292).

O efeito de significantes chamado sujeito, sujeito pisca-pisca do desejo, sujeito acendendo e apagando, aparecendo e desaparecendo, sujeito suposto ao inconsciente (segundo Lacan, o inconsciente é, propriamente, um saber sem sujeito), não é da ordem do sujeito “consistente” da filosofia ou da psicologia. Aliás, o termo desejo em Hegel (1770-1831) (*Begierde*) é diferente do termo (*Wunsch*) usado posteriormente por Freud. A influência de Spinoza é substituída pela de Hegel. Pensemos na alienação do eu na linguagem: “o eu não está aí senão pela linguagem” (Hegel, 1807: II, 69). Pensemos na consciência de si alienada na divisão entre trabalho e gozo (I,185): como investir em um sem alienar o outro? E ninguém escapa à posição de escravo frente à dominação do Senhor, do Mestre, Pai, Mãe e seus substitutos. Ora, quem é “o Senhor absoluto”? É a morte, diz Hegel (I,164).

O adjetivo “alienado” é usado comumente. Em vários níveis de informação, de cultura, de problemática sócio-econômica, todo fala-ser é, de algum modo, desligado da realidade. Por outro lado, chama-se o psicótico um “alienado”, alienado em comparação ao neurótico comum. Simão Bacamarte, o psiquiatra do texto *O alienista* de Machado de Assis, quer internar toda a população de Itaguaí até descobrir que é ele o louco. Lacan termina sua caminhada sobre a psicose, perguntando se cada um de nós não é louco como James Joyce e introduz para todos a forclusão do sentido. A respeito das palavras impostas à Lucia, filha psicótica de Joyce, ele se pergunta até que ponto somos todos submetidos a palavras impostas.

Marx (1818-1883) vai falar do trabalhador, objeto alienado nas mãos do capitalista. E Lacan, em *Nota sobre a criança*, fala da criancinha objeto da mãe : “a criança realiza a presença [...] do objeto no fantasma” e “aliena” a mãe em relação à verdade dela (Lacan [1969] 2001: 373-374). Isto é, com o objeto-bebê, a mãe vive a alienação da completude.

É a alienação do sujeito, o tema comentado por Lacan, na lição de 27 de maio de 1964 do *Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Ali, ele refere-

se a Hegel e estabelece dois campos, do sujeito e do Outro (A): “O Outro é o lugar onde se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder tornar presente o sujeito” (Lacan, 1973:185). Algumas páginas adiante, podemos ler:

“O significante [...] não funciona como significante senão reduzindo o sujeito em instância a não ser senão um significante, a petrificá-lo no mesmo momento em que ele o chama a funcionar, a falar, como sujeito” (188-189).

O sujeito pode ocupar vários lugares sob um ou outro destes significantes. Lacan pergunta: qual é “a raiz desta famosa alienação”? Não está no sujeito condenado a ver-se surgir senão no campo do Outro. Mas isso é a alienação, não a raiz dela. A raiz encontra-se na reunião entre o círculo do sujeito e o círculo do Outro e revela o véu, o “ou” da alienação: na escolha entre um ou outro, existe o “nem um nem o outro”. Desconhecer este “nem um nem outro” especificaria a raiz da alienação. Lacan exemplifica: “a liberdade ou a morte! [...] vocês escolhem a liberdade, bem! é a liberdade de morrer” (193). “É em Hegel que encontrei legitimamente a justificação desta apelação do véu alienante” (192-193).

Após a alienação, primeiro tempo, há o segundo tempo, o da separação, chamada também intersecção ou produto. Ora, “nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança “ele me diz isso, mas o que ele quer?” [...] “Neste intervalo cortando os significantes [...] desliza [...] o desejo do Outro”. A criança repete muito a pergunta “por quê?”. Lacan observa:

“Todos os porquês da criança testemunham menos de uma avidez sobre a razão das coisas do que uma colocação à prova do adulto [...] sobre] o enigma do desejo do adulto (194). O primeiro objeto que o sujeito propõe a este desejo parental cujo objeto é desconhecido é sua própria perda. Será que ele quer perder-me? O fantasma da própria morte, do desaparecimento é o primeiro objeto que o sujeito tem que colocar em jogo nesta dialética [...] sabemos isso por mil fatos, ver a anorexia nervosa” (195).

Nada mais petrificante do que o significante da morte. Pode, a partir dali, haver deslizamento no sentido? Ocupando o lugar da irmã morta e sendo marcada pelo significante do mesmo nome, poderia, Marguerite, escapar à alienação petrificante, psicótica? Ela consegue isso somente quando a mãe fica doida de vez, dominada pelo não sentido, pela insensatez da paranóia.

Acontece, por exemplo, que um bebê nasce após a morte do irmão, e três meses depois, começa a sofrer de um câncer. Esta doença somente foi mencionada pelos pais quando, em redor dos 20 anos, o filho, acometido por violenta depressão, fez algumas tentativas de suicídio e foi encaminhado a uma psiquiatra que sugeriu análise. Perdido profissionalmente, e incapaz de relacionar-se senão com os familiares, consegue melhorar com a análise. Mas interrompe bruscamente o tratamento. Apegado ainda ao gozo masoquista, não teria suportado a melhora?

A morte real de uma criança deixa marcas impossíveis de apagar na criança nascendo depois. Mas se isso serve de um exemplo típico é por remeter ao modo eminentemente cruel assumido pelo Supereu. E, se não existe a morte real de uma criança anterior ao nascimento de um bebê, há a morte fantasiada. Por não conseguir fantasiar a morte do filho Didier, Marguerite é tomada pela certeza delirante: Didier escapou à morte que levou o irmão dele e será, sem dúvida, morto por uma pessoa má ! Em casos mais comuns de fantasia, seja em neuroses, os porquês repetidos de toda criança encobririam uma pergunta sobre a fantasia de morte da parte dos pais. É também por isso que a morte real de uma criança é uma referência. Pois, na fantasia dos pais, toda criança passa pela referência à morte: “vai viver ou vai morrer?”

Em *O eu e o Isso*, de 1923, Freud fala do Supereu como primeira identificação, e usa os seguintes termos: “destrutivo” “violência impiedosa”, “leva à satisfação na doença”, “acusações”, “duros castigos” ([1923]1973:279-283). E, em alguns Seminários, Lacan acrescenta: “figura feroz [...] dos traumatismos primitivos” (I,10-03-55) “sabotador interno” (III,13-06-56), “tirânico” (IV,6-03-57) “lei desprovida de sentido” (I,18-11-54 ). O Supereu é “ponto nodal onde há afinidade entre neurose e psicose”, afirma Alain Didier-Weill em *Les trois temps de la loi* (1995:84 ).

O analista usa o saber para resistir no trabalho de análise. Resiste diante da singularidade, digamos, da mãe de uma criancinha autista. Resiste em quê? Por exemplo, em abrir o leque das identificações super-egóicas mortíferas. Françoise Dolto recomendava ao analista anotar todos os nomes da família dos analisantes. Preocupava-se com a repetição dos nomes e dos significantes. Nesta útil anotação dos nomes dos avós, tios e tias, há algo além: o analisante encontra-se facilmente alienado, por exemplo, em identificação a um tio ou tia, rival que perseguia, na infância, o futuro pai ou a futura mãe do analisante. Uma pergunta básica impõe-se ao analista: tal criança sofre de alienação super-egóica massacrante em identificação a quem? A mãe de autista seria uma mãe não olhando para seu filho. Para quem esta mãe, quando criança, não

quis olhar? Para um irmão caçula, seu rival? Ou ela mesma era talvez olhada mas não vista? Tal analisante está no lugar de quem? “Você é nada”, diz um pai a uma filha. Quem era nada para ele? “Você é pesada como sua avó paterna”, diz outra mãe à filha. Ali, esta mãe explicita a identificação alienante e repete com a filha a briga com a sogra. Quantas vezes em conflito de casais, ouvimos a típica declaração: minha família é saudável, a sua é de doidos. A partir disso, o pai massacra o filho com a declaração “você é doido como seu tio materno” e a mãe chama a filha de “idiota como a avó paterna”.

Se o desejo vindo do Outro, pai, mãe, ou substituto, é o desejo do sujeito (Lacan [1964] 1973:195), a análise deve permitir um descolamento do desejo mortífero. Liberdade ou morte? A esta escolha, em dado momento, algum fala-ser poderá responder de modo viável, sem antecipar a morte real, nem deixar-se esmagar pelo gozo do sofrimento: escolher a liberdade de morrer. Por que não deixar para mais adiante o real da morte, “abotoando o paletó” somente na hora de “sair de casa”?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALLOUCH, J. *Marguerite ou l'aimée de Lacan*. Paris: E.P.E.L.,1990.

DIDIER-WEILL, *Les trois temps de la loi*. Paris: Seuil, 1995.

FREUD, S. [1911] Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen fall von paranoia, in *Gesammelte Werke*, VIII. Frankfurt am Main: Fisher Verlag, Auflage 6, 1973.

\_\_\_\_\_. [1923] Das Ich und das Es, in *Gesammelte Werke*, XIII, 1973.

HEGEL, G. W. [1807] *La phénoménologie de l'esprit*. Paris: Aubier Montaigne,1941.

LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

\_\_\_\_\_. *Autres Écrits*. Paris: Seuil, 2001.

\_\_\_\_\_. [1964] Le Séminaire,Livre XI. *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973.

\_\_\_\_\_. [1953-1954] Le Séminaire, Livre I. *Les Écrits techniques de Freud*. Paris: Seuil, 1975.

\_\_\_\_\_. [1955-1956] Le Séminaire,Livre III, *Les Psychoses*. Paris: Seuil, 1981.

MACHADO DE ASSIS, J.M. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguiar,1979.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.